

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA

CLAUDEVAN FIRMINO DOS SANTOS COSTA

DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: narrativas de um
universitário com deficiência visual

Maceió
2021

CLAUDEVAN FIRMINO DOS SANTOS COSTA

DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: narrativas de um
universitário com deficiência visual

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Educação Física pelo Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Titular Neiza de Lourdes Frederico Fumes

Coorientador: Prof. Esp. Renato Vitor da Silva Tavares

Maceió

2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- C837d Costa, Claudevan Firmino dos Santos.
Desafios para a formação em educação física : narrativas de um
universitário com deficiência visual / Claudevan Firmino dos Santos Costa –
2021.
24 f.

Orientadora: Neiza de Lourdes Frederico Fumes.
Coorientador: Renato Vitor da Silva Tavares.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em educação física) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Educação Física e Esporte.
Maceió.

Bibliografia: f. 23-24.

1. Educação física. 2. Estágio supervisionado. 3. Deficiência visual. 4.
Formação de professores. I. Título.

CDU: 796-056.262

RESUMO

Nos últimos anos, houve um aumento do número de pessoas com deficiência nos cursos de Educação Superior em todo o Brasil, entretanto, diversas dificuldades ainda são enfrentadas por esses discentes. Diante do exposto, o objetivo geral do presente trabalho buscou narrar minha experiência enquanto licenciando em Educação Física durante os estágios supervisionados e refletir sobre essa experiência para a minha formação profissional. Os objetivos específicos foram: relatar os desencadeamentos dos estágios supervisionados em Educação Física para o processo formativo inicial do aluno com deficiência visual; identificar as ações que facilitaram ou dificultaram a permanência e o desenvolvimento nos estágios supervisionados na minha perspectiva enquanto um licenciando com deficiência visual; e relatar a experiência e a relação com os participantes e os envolvidos nos estágios supervisionados de acordo com a percepção do aluno com deficiência visual. Dessa forma, trata-se de um relato de experiência. Os resultados analisados ao longo dos estágios supervisionados apontaram que em várias ocasiões, meus colegas de equipe me auxiliavam, juntamente com os docentes da Universidade Federal de Alagoas e, por meio da colaboração de todos, no final, pude perceber diversas oportunidades como acadêmico e profissional. Por fim, pude concluir que, um dos aspectos de ser uma pessoa com deficiência visual e atuar na Educação Física, além dos problemas estruturais e da falta de acessibilidade dos ambientes, é convencer os alunos e as instituições de ensino que uma pessoa com deficiência visual tem capacidade de ministrar uma aula como qualquer outro.

Palavras-chave: Educação Física. Estágio Supervisionado. Deficiência Visual. Formação de Professores.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA	9
2.1 Caracterização do Estudo.....	9
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	10
3.1 Porque eu escolhi o curso de Educação Física - Licenciatura	10
3.2 Os Estágios Supervisionados em Educação Física	12
3.2.1 Educação Infantil.....	13
3.2.2 Ensino Fundamental I.....	16
3.2.3 Ensino Fundamental II	19
3.2.4 Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).....	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século atual tem sido percebido um crescente ingresso de pessoas com deficiência aos cursos de Educação Superior em todo o Brasil (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2019). Dentre seus objetivos, esse público tem o intuito de adquirir melhores condições profissionais por meio de um processo formativo mais qualificado. No entanto, ainda existem muitas barreiras para o alcance desse objetivo. Algumas barreiras são atitudinais, que acabam por contribuir para o descrédito do público com deficiência para atuar como docentes no contexto educacional (RIBEIRO; GOMES, 2017).

De fato, esse pensamento e o tratamento em relação às pessoas com deficiência se fez presente por muito tempo e, começou a mudar em meados da década de 1990, com as discussões acerca da inclusão de pessoas com deficiência no ambiente educacional. Como afirmam Giabardo e Ribeiro (2017), as Declarações de Jomtien (Tailândia) de 1990 e de Salamanca (Espanha) de 1994 influenciaram a elaboração de políticas educacionais, visando atender o momento das mudanças necessárias no âmbito educacional e possibilitando que pessoas com deficiência pudessem acessar o ensino regular na Educação Básica e, posteriormente, a Educação Superior.

À medida que os debates foram avançando e as políticas públicas sendo implementadas a fim de incluir essa parcela da sociedade no contexto escolar, oportunidades foram sendo criadas e as possibilidades de desenvolvimento dessas pessoas foram ampliadas. Dessa forma, temos a oportunidade de contemplar uma pessoa com deficiência na função de professor no sistema educacional atual.

De acordo com Carvalho (2018), no ano de 2017, dentre os 2.078.910 professores da Educação Básica no Brasil, 6.425 tinham alguma deficiência, o que totaliza apenas 0,31% do total. No caso da deficiência visual, foram contabilizados 135 professores com cegueira e 2.515 com baixa visão atuantes da Educação Infantil ao Ensino Médio (CARVALHO, 2018). Nesse cenário, percebe-se que, embora as pessoas com deficiência acessem à Educação Superior e tenham uma adesão frequente aos cursos de licenciatura, como é o caso da Educação Física, área a qual o autor deste texto, que tem deficiência visual, está cursando, o processo de atuação profissional ainda é bastante comprometido.

Nos cursos de Educação Física (licenciatura e bacharelado), as alterações para o processo de inclusão de pessoas com deficiência ainda caminham a passos lentos (CALHEIROS; FUMES, 2016), pois o curso carrega o estigma de ser algo que somente pode ser feito por pessoas sem deficiência, tendo em vista seu embasamento no lema do Esporte

Olímpico, *Citius, Altius, Fortius*, que é derivado do latim e significa “mais rápido, mais alto, mais forte”. Nota-se, portanto, uma sobrevalorização das capacidades corporais e das habilidades na realização técnica de padrões de movimento no processo formativo inicial. Esse fator é agravado no caso da deficiência visual, pois se trata de um curso que se utiliza bastante de recursos visuais para a exemplificação dos conteúdos.

Considerando os aspectos metodológicos dos cursos de formação em Educação Física, especificamente os seus elementos teóricos, com a ajuda de recursos tecnológicos, uma pessoa com deficiência visual pode conseguir se desenvolver bem. Ainda que seja inegável que nas aulas práticas, em boa parte das atividades, as dificuldades sejam mais evidentes, principalmente pela inexperiência dos docentes para atuar com o aluno com deficiência visual, sendo uma das primeiras barreiras impostas a esse público.

Reforçando esse discurso, Oliveira (2017) afirma que as mudanças sociais e educacionais trouxeram a chegada de alunos com deficiência para a Educação Superior, o que abalou o tradicional ensino vivenciado no âmbito da universidade, pois “o professor vê-se numa emergência de construção de novos saberes” (CUNHA, 2004, p. 532). “No caso dos docentes, a presença de alunos com deficiência exige uma prática pedagógica que contemple as suas características educacionais e nem sempre é essa a realidade constatada” (OLIVEIRA, 2017, p. 18).

Ao analisar esse contexto que envolve a pessoa com deficiência visual na profissionalização docente na Educação Superior, percebe-se que essas pessoas encontram diversas barreiras sociais, tanto na sua formação, quanto na sua atuação profissional, necessitando desenvolver estratégias para superá-las (REIS; HEINE; PORTELA, 2017).

No caso do estágio supervisionado, uma das etapas pelas quais os alunos da Educação Superior precisam cumprir a fim de concluir o processo formativo inicial, tem-se o objetivo de pôr em prática os conhecimentos teórico-práticos construídos ao longo do curso (TEIXEIRA et al., 2017). Nesse sentido, os estágios supervisionados são fundamentais, pois possibilitam a observação e o desenvolvimento das capacidades e das habilidades que cada docente em formação tem de exercer de acordo com o papel proposto pelo curso (SCALABRIN; MOLINARI, 2013).

Nessa fase, a comunidade acadêmica da Educação Física mobiliza-se para oferecer uma formação coerente e com essas ofertas sendo necessárias para o aperfeiçoamento da formação profissional nos dias atuais, haja vista a preocupação presente nos estudos sobre o processo de formação de professores de Educação Física (RINALDI; SOUZA, 2003). Segundo Souza, Boaroli e Taques (2017), a experiência prática e um conhecimento aprofundado da realidade

escolar na formação inicial dos professores são fundamentais. Sendo assim, o estágio supervisionado se torna primordial para a formação dos acadêmicos, pois os insere no contexto escolar com o intuito de qualificá-los e prepará-los para o mercado de trabalho.

Mas, para isso, muita coisa tem de ser modificada - tanto em relação às políticas públicas, às estruturas das instituições de ensino, quanto aos conceitos, preconceitos e paradigmas que ainda fazem parte da nossa sociedade, bem como em boa parte do pensamento de muitos profissionais que trabalham com educação.

Tendo em vista todas essas dificuldades que são encontradas no contexto educacional, inclusive no contexto da Educação Superior, acredita-se que a presente pesquisa traz conhecimentos relevantes por meio de uma análise crítica acerca das possibilidades de participação de uma pessoa com deficiência visual nos estágios supervisionados em Educação Física, do mesmo modo que apresenta as dificuldades para a formação da pessoa com deficiência visual enquanto docente. Este estudo tem relevância dada a carência de estudos nessa temática, podendo servir como referência para pesquisas futuras na mesma área.

Diante do exposto, o trabalho em questão tem como objetivo geral narrar minha experiência enquanto licenciando em Educação Física durante os estágios supervisionados e refletir sobre essa experiência para a formação profissional. Os objetivos específicos se referem a relatar os desencadeamentos dos estágios supervisionados em Educação Física para o processo formativo inicial do aluno com deficiência visual; identificar as ações que facilitaram ou dificultaram a permanência e o desenvolvimento nos estágios supervisionados na perspectiva do aluno com deficiência visual; e relatar a experiência e a relação com os participantes e os envolvidos nos estágios supervisionados de acordo com a percepção do aluno com deficiência visual.

2. METODOLOGIA

2.1 Caracterização do Estudo

O presente trabalho é compreendido como um relato de experiência. De acordo com Fortunato (2018), o relato de experiência é um método de pesquisa em Educação, no qual todas as ações devem ser descritas e sequenciadas até a conclusão da experiência, analisando o contexto em que as ações foram realizadas.

É uma metodologia com abordagem qualitativa, por meio do relato de experiência, na qual foram levantadas minhas memórias nos estágios supervisionados enquanto acadêmico do curso de Educação Física - Licenciatura em uma universidade pública federal na Cidade de Maceió - Alagoas. Custódio (2012) compreende que o emprego de narrativas de memórias

como instrumento reflete por excelência na construção de uma trama na pesquisa em relação a uma história.

De acordo com Chauí (2002, p. 128), a memória já foi considerada como um fato puramente biológico, “um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e ideias, gestos e palavras”. A memória estaria reduzida à gravação automática pelo cérebro: de fatos, acontecimentos, pessoas e relatos. A memória, no entanto, não é apenas mero “registro”, talvez seja mais adequado pensar nela como uma influência do mundo sobre os indivíduos (FOSTER, 2011).

Abordar sobre relato de experiência é reviver uma história, trazendo como objeto privilegiado análise das sensibilidades, percepções, leituras de mundo, aos sentimentos daqueles/as que narram; ao mesmo tempo em que vivencia esse passado a possibilidade de replicar os acontecimentos, por meio da construção do que foi vivenciado no passado. Portanto, Custódio (2012) aponta que é por meio da linguagem que as narrativas vão ganhando sentido em relação a um grupo do qual o sujeito que narra fez parte, porque pressupõe um evento real vivido outrora em comum, depende do contexto de referência, no qual atualmente transitam o grupo e o indivíduo que o atesta.

Para a construção das narrativas, considere as minhas vivências nos estágios supervisionados em Educação Física, que decorreram entre os anos de 2018 e 2019, os quais foram realizados na Educação Infantil (5º período), no Ensino Fundamental I e II (6º e 7º períodos), no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (8º período).

Nestas narrativas estão incluídos colegas de graduação, professores universitários, professores da Educação Básica, bolsistas do Núcleo de Acessibilidade e alunos da Educação Básica. Todos os envolvidos foram mencionados por nomes fictícios, considerando-se os princípios éticos em pesquisas com seres humanos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Porque eu escolhi o curso de Educação Física - Licenciatura

Desde a minha infância, nunca enxerguei em sua totalidade, pois minha visão sempre foi muito limitada, ainda que eu conseguisse enxergar alguns objetos e cores ao meu redor em uma distância curta.

Quando comecei a estudar conseguia realizar a leitura de alguns livros e escrever, pois os óculos que eu utilizava corrigiam a minha visão, o que me possibilitou acompanhar os primeiros anos de aula. No entanto, com o passar do tempo comecei a perceber dificuldades em acompanhar as aulas, pois as escolas não tinham nenhum recurso e nem utilizavam estratégias

para que pudesse incluir e atender as necessidades que eu, enquanto uma pessoa com deficiência visual, tinha de enxergar.

Por isso, por muitas vezes, eu pensei em desistir, o que acabou acontecendo, e esse processo ocorreu na década de 1990, especificamente entre 1995/1996. Tal fato ocorreu, pois já estava sentindo o desconforto de estar em um lugar inadequado para minha condição e também sentia vergonha por ter a deficiência e por me sentir tão diferente de todos que estavam ao meu redor.

Ao entrar na fase adulta, comecei a perceber que, com o passar do tempo, a minha visão diminuía, até chegar ao ponto de perdê-la por completo devido ao glaucoma, além de outras condições que já apresentava, como a catarata congênita e a miopia. Depois que perdi a visão totalmente, no final do ano de 2006, passei a fazer reabilitação em um centro educacional especializado para pessoas com deficiência visual.

Depois de passar pelo processo de reabilitação, comecei a entender um pouco mais sobre o universo de uma pessoa com deficiência visual. Pela influência de alguns amigos e por gostar de exercícios físicos, pensei que poderia contribuir de alguma forma para diminuir, pelo menos um pouco, o preconceito das pessoas em relação ao pensamento de que uma pessoa com deficiência visual não poderia praticar esportes ou realizar exercícios.

Eu já havia participado de atividades desportivas no centro educacional especializado para pessoas com deficiência visual, como o goalball, que é uma modalidade esportiva criada especificamente para pessoas com deficiência visual (MUNSTER et al, 2008; TOSIM et al, 2008). Além disso, antes de perder a visão, eu já tinha vivenciado um pouco a prática de artes marciais e gostava de realizar exercícios físicos em casa, que, em muitas vezes, aprendia nas interações com irmãos e colegas na adolescência. Por isso, por essas experiências anteriores, pensei que tinha um pouco de conhecimento para compartilhar.

A prática de atividades físico-esportivas por pessoas com deficiência ainda é reduzida pela falta de oportunidades de atuação para esse público, o que também acontece no contexto escolar, especificamente nas aulas de Educação Física (MUNSTER; ALMEIDA, 2013). A partir disso, com base em algumas reflexões, pensei que se uma pessoa com deficiência visual estivesse disposta a ingressar na universidade, enfrentar um curso com a Educação Física, poderia influenciar na próxima geração de professores, pois com a interação entre eles e eu, poderia se desenvolver uma maior compreensão de como funciona a atuação de um professor com deficiência visual para o ensino dos conteúdos da Educação Física e, mais do que isso, despertar nesses professores um compromisso maior com a inclusão.

Esse ponto citado acima foi um dos motivos pelos quais escolhi cursar Educação Física. Não consigo afirmar se a minha participação causou algum impacto nos alunos e nos professores no curso, mas pelos relatos de alguns com os quais eu conversei, percebi que haviam tido algum crescimento em relação à forma de pensar sobre a inclusão, na aprendizagem e no modo de ver as pessoas com deficiência. E isso, com certeza, já é algo positivo, que pode fazer diferença em um futuro próximo.

3.2 Os Estágios Supervisionados em Educação Física

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Graduação em Educação Física – Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), criado no ano de 2006, o licenciado em Educação Física “ao se formar terá o intuito de esclarecer e intervir, profissional e academicamente em ambientes escolares, por meio dos conhecimentos de natureza técnica, científica e cultural expressos ao longo do curso” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2006, p. 3).

Para realizar tais ações, o presente documento informa que o egresso do Curso de Licenciatura está legalmente “habilitado para atuar no campo de trabalho escolar (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos), na construção e participação de projetos educacionais” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2006, p. 4).

Assim, por meio da tríade, ensino, pesquisa e extensão, o curso avança às práticas em sala de aula por meio dos estágios atribuídos aos discentes e, menciona como sendo de caráter obrigatório o estágio curricular supervisionado.

Desse modo, o Curso de Licenciatura em Educação Física aborda algumas características para o Estágio Supervisionado, sendo elas:

- 1) o estágio supervisionado obrigatório deve ser cumprido ao longo dos 04 (quatro) últimos semestres letivos para a sua integralização curricular; 2) o estágio supervisionado deve ser coordenado pelo professor coordenador da disciplina e executado por um grupo de professores representantes dos núcleos de aprofundamento existentes no currículo, a saber: a) educação infantil/ensino fundamental e, b) ensino médio; 3) os campos de estágios devem garantir o diagnóstico da realidade escolar e a aplicação de conhecimentos na área escolar prevista no Perfil Profissional do Projeto do Curso; e 4) para a aprovação no estágio supervisionado, o aluno deverá obter 75% de presença nas atividades desenvolvidas na disciplina, que inclui visitas para diagnóstico das instituições, a elaboração do plano de trabalho, sua execução em docência compartilhada e sua avaliação com a entrega de relatórios, sob a orientação dos professores responsáveis da disciplina que acompanharão os alunos no campo de estágio (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, 2006, p. 20).

Com base nas informações acima, os tópicos seguintes expõem como ocorreram minhas experiências nos estágios supervisionados em Educação Física.

3.2.1 Educação Infantil

Meu primeiro estágio supervisionado ocorreu em uma escola municipal da Cidade de Maceió - Alagoas, com a supervisão do Professor Miguel, enquanto estava cursando as disciplinas do quinto período da matriz curricular obrigatória do curso de Educação Física. Inicialmente, foi explicado pelo docente como funcionaria toda a metodologia do estágio supervisionado, como seriam aplicadas as intervenções, a duração das atividades, o acompanhamento por docentes e monitores, assim como os critérios avaliativos.

Nesses estágios supervisionados, a turma se dividia em grupos a fim de aplicar os conhecimentos adquiridos durante as aulas dos períodos anteriores. A equipe a qual fiz parte foi composta por 04 pessoas, Fernando, Natália, Luciano e eu. Juntamente comigo tinha a bolsista Roberta, que fazia parte do Núcleo de Acessibilidade da universidade e tinha como funções me auxiliar em atividades que eu necessitasse, tais como: articular o encaminhamento de demandas importantes, desenvolver leitura ou transcrição de conteúdos, orientar na locomoção dos espaços na universidade, produzir e adaptar materiais pedagógicos e ajudar no uso de tecnologia assistiva, dentre outros aspectos.

Para a efetivação do estágio, tínhamos que planejar previamente as atividades para realizar as intervenções por 20 minutos com uma turma da Educação Infantil. A turma que passou pelas intervenções do meu grupo de estágio supervisionado tinha por volta de 20 a 25 alunos, os quais tinham cerca de 05 anos de idade. Os conteúdos abordados para esse público estavam associados ao projeto “O Colorido do Brincar”, que teve como foco o desenvolvimento de práticas corporais que explorassem os diversos tipos de linguagem (oral, rítmica, musical e gestual), utilizando da ludicidade para ampliar as noções de consciência corporal, expressões, gestos e ritmos por meio das brincadeiras cantadas.

Ao iniciar essa nova etapa do curso, eu tive bastante dificuldade, pois para mim, que tenho deficiência visual, ficava difícil escolher os conteúdos para aplicar as aulas, considerando-se que em muitos casos eu nunca tinha vivenciado as brincadeiras que deveríamos executar, muito menos descrever cada detalhe delas.

Como toda primeira experiência, a tensão tomou conta de mim tanto quanto de cada membro do grupo, pois todos nós estávamos em contato pela primeira vez com o campo escolar em uma função diferente. Senti mais dificuldade por não ter muita habilidade em me comunicar e interagir de maneira lúdica com as crianças. Eu estava muito inseguro com a situação por não

saber lidar com as crianças, levando em conta que elas têm bastante energia e se comportam inesperadamente quando se juntam, ficando muito difícil de não se preocupar. Imagine uma quantidade significativa de crianças correndo para lá e para cá, sem você saber exatamente o que está acontecendo e se eles estão fazendo o que você está pedindo.

Sem contar também com a pressão de saber que estamos sendo observados pelo professor supervisor, não posso negar que ficamos inseguros até por causa de tudo que o professor representa para nós. Ele é a pessoa que sabe, que tem o conhecimento. E, ainda que não seja a intenção do professor provocar isso, é assim que nos sentimos e ficamos preocupados se estamos fazendo um bom trabalho ou não. E, se isso já é difícil para qualquer aluno sem qualquer tipo de deficiência, imagine para mim.

Embora tenha sido minha primeira experiência como professor-estagiário, com o decorrer das ações fui recebendo o retorno diário e, por vezes, semanal sobre minha atuação e, por meio de conversas com meus colegas, fui me adaptando ao estágio supervisionado até a conclusão da experiência. Destaco que desde os períodos anteriores ao estágio supervisionado, meus colegas de turma e de grupo tiveram grande relevância para meu desenvolvimento, pois em vários momentos estiveram dispostos a me incentivar e dar suporte quando precisei. Desde esperar o ônibus comigo, até descrever imagens ou atividades das quais eu não conseguia compreender de imediato, eles estavam sempre disponíveis a ajudar.

No estágio supervisionado não foi diferente, quando havia dificuldade de compreender alguma brincadeira das quais tínhamos escolhido para ministrar aos alunos, combinávamos antes ou depois das aulas das outras disciplinas para que pudessem ensaiar comigo os movimentos de maneira minuciosa, para que no dia de realizar o estágio eu ficasse mais tranquilo e ciente sobre a atividade aplicada.

É importante apontar que, quando meus colegas de turma reconheciam que a atividade escolhida poderia ser um pouco mais complicada para mim, em razão de termos feito as escolhas em cima da hora, adentrava essa dificuldade em aplicar e assimilar rapidamente as atividades. No entanto, me questionavam acerca de querer ou não participar e assim conseguíamos interagir para que tudo fosse feito da melhor forma possível sem prejuízo para o grupo.

Outro fator de suma importância foi que na maior parte do estágio supervisionado sempre havia uma ou duas pessoas que conheciam um pouco da minha dificuldade em me expressar, me estimulando sempre a melhorar, o que me deixava mais confortável e com segurança para aplicar as atividades. Quando percebiam que eu não estava conseguindo alcançar o objetivo de ministrar a aula em razão de não perceber com precisão a distância entre

mim e os alunos ou se o tom da minha voz estava adequado para que todos pudessem me ouvir bem, logo eles me diziam: “fala um pouco mais alto, eles não estão entendendo. Ou ainda, vira um pouco mais para a direita ou para a esquerda, estamos na direção oposta”. Assim, me dando esse *feedback*, contribuíam na minha evolução em me comunicar melhor com os alunos.

Quanto a minha interação com as crianças, elas respondiam muito bem em alguns momentos em que eu ia realizar as atividades com eles. Lembro-me que em uma das aulas em que a atividade era uma brincadeira com música, tanto eles quanto nós do grupo nos divertimos muito. E, eu que nunca havia sequer vivenciado esse tipo de brincadeira não imaginava que seria tão interessante para as crianças.

Com todo apoio da turma e dos professores, fui me adaptando, deixando a timidez de lado, participando mais e, do início do estágio supervisionado até a conclusão, consegui cada vez mais obter experiência. Até me surpreendi em alguns momentos, quando percebi que algumas das crianças com as quais estávamos trabalhando se dispuseram a me ajudar em vários momentos durante as aulas.

Entretanto, alguns pontos interferiram no meu progresso em relação ao estágio supervisionado, que foram:

1) as dificuldades na comunicação com meus colegas em relação à elaboração dos planos de aula, em virtude do desconhecimento de algumas atividades que estavam sendo propostas, principalmente aquelas relacionadas ao recreio dirigido, em que se utilizavam materiais diversos e eram propostos movimentos variados como foco na ludicidade por meio de brincadeiras com coreografias um pouco difíceis para memorizar os movimentos. Minha timidez, por vezes, dificultou a interação com meus colegas e refletiu na minha interação com as crianças na atuação do estágio supervisionado;

2) Os aspectos de reconhecimento dos espaços de intervenção na escola: ocorreu um momento com esse intuito com o auxílio do Núcleo de Acessibilidade do campus, mas a adaptação não foi possibilitada pelo tempo curto de reconhecimento da escola, bem como pela alteração constante dos locais em que as intervenções deveriam acontecer, ora aconteciam em sala de aula, ora no pátio, dificultando a familiarização com o local de aula. É necessário tempo para que uma pessoa com deficiência visual se adapte ao lugar e se sinta confortável e confiante o suficiente para se locomover.

Por fim, nessa experiência de estágio supervisionado trago como reflexão e aprendizado a observação da existência de brincadeiras muito complexas para a faixa etária e que é preciso observar diversos aspectos do ambiente antes do planejamento das atividades. Como dificuldades, cito a ansiedade por mim criada acerca de expectativas para todas as brincadeiras

aplicadas e a falta de experiência do grupo em algumas brincadeiras, o que me fez optar por ficar apenas observando em alguns momentos. No entanto, considero que tivemos sucesso, pois nem tudo pode ser visto como algo negativo, considerando que foi nossa primeira experiência e que tivemos bons resultados em outros pontos.

3.2.2 Ensino Fundamental I

O segundo estágio supervisionado, realizado no sexto período, foi desenvolvido em uma organização não-governamental que buscava apoio escolar para crianças carentes da rede pública da Cidade de Maceió – Alagoas, oferecendo várias atividades na busca por um processo educacional mais consistente para esse público. Tal como no primeiro estágio supervisionado, foi explicado como funcionaria a dinâmica e todas as ações que seriam efetuadas.

Como no estágio supervisionado anterior, os graduandos foram divididos em grupos, com o meu sendo composto por 03 graduandos, Natália, Fernando e eu, além da bolsista Roberta, que me auxiliava, de modo que cada equipe acompanhasse quatro turmas de alunos, sendo duas no período da manhã e duas no período da tarde. Cada turma também era acompanhada pela professora responsável, e nesse estágio supervisionado, nós ficávamos o dia inteiro, manhã e tarde. As turmas que o grupo de estágio supervisionado ao qual fiz parte realizou as intervenções tinham por volta de sete a doze anos no turno matutino e entre treze e catorze anos no turno vespertino.

Recordo-me que nesse estágio supervisionado, o professor José explicou como seria o ambiente onde aplicaríamos as atividades e algumas aulas depois nós fomos conhecer o lugar antes de iniciarmos com as intervenções. Quando nos foram apresentadas as dependências do lugar, os meus colegas ficaram impressionados com os espaços e com as possibilidades de atividades que poderiam ser feitas em cada um dos locais que pertenciam à organização, pois dentre esses espaços tinha um ginásio que comportava uma sala de dança, uma sala de judô e uma quadra para algumas modalidades esportivas com bola. A bolsista Roberta, do Núcleo de Acessibilidade, foi descrevendo os ambientes para mim e me ajudando a fazer o reconhecimento dos espaços para que eu pudesse me localizar.

Inicialmente, os grupos fizeram um acordo para que os espaços disponíveis fossem rotacionados, de modo que um mesmo grupo não ocupasse um espaço específico por mais de uma semana, ocasionando que a aula seria aplicada em um espaço diferente na semana seguinte.

No que se refere ao desenvolvimento das atividades de estágio supervisionado, o docente sugeriu que no primeiro momento fosse trabalhado o conteúdo de jogos cooperativos e, posteriormente, o conteúdo de ginásticas. Durante o estágio supervisionado, os participantes

do grupo e eu revezávamos quem iniciaria as atividades com as crianças. Então, buscávamos as turmas em sala de aula, conduzíamos até o ambiente onde seriam aplicadas as atividades, iniciávamos os aquecimentos e alongamentos e, em seguida, aplicávamos as atividades propostas para o dia.

Em vários momentos, algumas das crianças que estavam participando das atividades me auxiliaram direcionando minha postura em relação aos outros, me conduzindo em algum momento durante as práticas ou até mesmo me descrevendo situações que precisavam de um auxílio. Tanto no período da manhã quanto da tarde, sempre tinham alunos que contribuíam comigo nesse sentido. Para mim, isso foi muito positivo, pois me senti um pouco mais tranquilo em estar ali junto com eles.

Além disso, foi realmente algo diferente e bastante curioso, tanto para mim que tenho a deficiência, para os meus colegas, bem como para as crianças, que em sua maioria nunca tinham tido contato com uma pessoa cega. Elas sempre ficavam curiosas para saber coisas sobre mim. Quando se aproximavam faziam algumas perguntas, como: Por que o senhor usa óculos o tempo todo? Como o senhor faz isso ou aquilo? Por que usa isso aí assim? (Referindo-se à bengala que uso). Outros pegavam na minha mão e queriam me conduzir pelas dependências da escola e eu ficava com receio de esbarrar em algo ou tropeçar e machucar algum deles, mas mesmo assim, com cuidado, eu ia me deixando conduzir por eles, e assim, eles foram se enturmando e me ajudando. Com isso, as coisas foram se ajustando e ao longo das semanas eu ia interagindo com eles junto aos meus colegas e, por fim, tudo foi se adequando e as aulas foram acontecendo.

Em relação a minha dificuldade, os problemas relacionados à organização dos conteúdos escolhidos e dos graduandos em relação a mim ainda continuavam. Eu ainda não me sentia seguro o suficiente, pois algumas atividades eu não conhecia, conforme abordado anteriormente, especialmente as que dependiam de coreografias, como algumas atividades com danças, de modo que elas tinham que ser descritas para que eu pudesse repassar para os alunos. Porém, dessa vez a minha participação foi um pouco mais ativa por causa da receptividade de algumas das crianças e, com o passar do tempo, meus colegas e eu começamos a dar um pouco mais de atenção à organização do nosso grupo e como as atividades poderiam ser feitas de um jeito melhor, no qual eu pudesse ter uma participação mais ativa.

Em algumas atividades, sobretudo aquelas que exigiam movimentos como corridas e saltos, eu realmente tinha que ficar apenas observando, pois a dinamicidade não me permitia interagir. São exemplos as atividades que tinham um deslocamento muito rápido, as quais não me davam possibilidade de participar. Pelo menos eu não tinha confiança de arriscar, principalmente em brincadeiras com crianças pelo medo de causar acidentes. Contudo, nas

atividades que eu conhecia, como as atividades de ginásticas ou lutas, além das que fui aprendendo nos nossos planejamentos, eu ia interagindo com eles, ia demonstrando como fazer, corrigindo quando possível e ensinando da melhor maneira que conseguia naquele momento.

Algo que me deixou um pouco constrangido em uma das aulas em que eu estava conduzindo foi que, certa vez, quando eu estava explicando uma atividade para os alunos de faixa etária maior, um deles começou a zombar por meio de gestos enquanto eu estava falando por saber que eu não estava vendo o que ele estava fazendo. Até que a bolsista Roberta interveio e chamou a atenção do aluno pelo que ele tinha feito. Somente quando ela fez isso foi que percebi do que se tratava, pois os outros alunos começaram a relatar o que estava acontecendo enquanto o aluno foi retirado da aula pela professora da instituição. Depois disso, eu fiquei sem graça, mas não deixei de dizer para os que ficaram lá sobre quanto nós nos dedicamos para estar ali e que eles deveriam respeitar e fazer a parte deles. Essa foi a única vez que aconteceu. Depois o estágio supervisionado seguiu e foi concluído sem problemas posteriores em relação a mim.

Contudo, destaco alguns dos pontos positivos no processo de intervenção no estágio supervisionado, tendo como exemplos:

- 1) A participação ativa de alguns dos alunos da Educação Básica em me auxiliarem durante o estágio supervisionado. Isso foi muito importante, visto que me fez ter um pouco mais de segurança em interagir e me relacionar com eles;
- 2) A organização dos estagiários em relação à flexibilização dos espaços, permitindo o rodízio dos grupos a cada semana, a fim de que cada grupo tivesse a oportunidade de ministrar a sua aula nos espaços disponíveis e, assim, aproveitar ambientes diferentes;
- 3) A instituição tinha os recursos materiais que precisávamos para aplicar as atividades de modo satisfatório, além dos espaços disponíveis, o que facilitou muito nas intervenções;
- 4) O apoio da bolsista Roberta, do Núcleo de Acessibilidade, foi fundamental em vários momentos, inclusive no reconhecimento dos espaços e no deslocamento dos mesmos.

Em relação aos pontos negativos, evidencio o seguinte:

- 1) Assim como no primeiro estágio supervisionado, algumas brincadeiras que escolhemos não me permitiam interagir em determinados momentos, como, por exemplo, as brincadeiras que exigiam muitos deslocamentos ou coreografias, as quais me deixavam inseguro para participar.
- 2) A minha própria insegurança, que em alguns momentos me impediu de ousar um pouco mais e, quem sabe, testar mais minhas capacidades.

No geral, percebi que o estágio supervisionado foi muito bem sucedido, pois não tivemos grandes dificuldades em relação à adesão dos alunos para a realização das atividades

que foram propostas pelo grupo do qual participei. Essa adesão foi facilitada pelos materiais e pela estrutura disponível para a execução das atividades, visto que se tinha disponibilidade de tudo que precisávamos. No mais, o que não saiu tão bem no início do estágio supervisionado foi sendo ajustado no decorrer do processo de intervenção.

3.2.3 Ensino Fundamental II

Nas aulas iniciais desse estágio supervisionado, o qual ocorreu em uma escola estadual localizada na Cidade de Maceió, o professor Daniel apresentou a disciplina, nos orientou sobre como seria efetuado o planejamento do estágio supervisionado, pediu que fizéssemos um trabalho complementar e apresentássemos um seminário sobre a importância da atividade física, explorando as atividades que podíamos aplicar nas aulas com os alunos do Ensino Fundamental II antes de partirmos para as intervenções. O grupo ao qual eu fiz parte foi bem maior do que nos estágios supervisionados anteriores, sendo composto por: Rafael, Marcelo, Luciano, Rodrigo, Carlos, Rodolfo, Samuel e eu, sem contar os bolsistas Michele e Alfredo, que revezaram nos acompanhamentos durante o estágio. Nosso grupo apresentou o seminário com a temática de lutas, apontando os diferentes tipos, suas origens e regras.

Antes da primeira visita à escola, o Professor Daniel encaminhou um formulário para a turma verificar o material existente no local de intervenção. Ao chegar à escola, a direção nos recebeu, informou sobre os materiais existentes e nos apresentou as dependências da escola, que contava com um ginásio, bem como os espaços disponíveis para o desenvolvimento das atividades do estágio supervisionado. Somente ao conhecer a escola que tivemos dimensão de como seriam desenvolvidas as atividades práticas, após saber a quantidade, a qualidade e o acesso aos materiais disponíveis para o planejamento das aulas.

Quando fomos à escola para conhecer as dependências com o professor e os alunos com os quais íamos fazer as intervenções, percebemos que a escola estava passando por uma reforma, que atrapalhou um pouco o andamento das intervenções, pois nem sempre podíamos aplicar as atividades que foram programadas e utilizar os espaços em razão de estarem ocupados com os equipamentos e materiais que estavam sendo usados para reforma.

Nos encontros seguintes foi realizado um período de observação do Professor Márcio, regente das turmas de Educação Física que realizaríamos o estágio supervisionado. Nesses momentos, tivemos a possibilidade de acompanhar algumas aulas teóricas e práticas, colaborando e participando das ações pedagógicas apresentadas pelo professor, de maneira a nos preparar para o aspecto posterior, ministrar as aulas com os alunos das turmas acompanhadas. O planejamento de nossas aulas foi elaborado de acordo com os temas que

seriam abordados pelo Professor Márcio e foi relacionado à temática de saúde, doenças metabólicas e a importância das atividades físicas, na qual escolhemos tratar as lutas, explorada no seminário inicial da disciplina.

Seguindo o cronograma de atividades que organizamos para os alunos, demos início às atividades com alongamentos e realizamos a introdução aos jogos de lutar, com brincadeiras de conquista de objetos e conquista de território, tanto com as turmas da manhã como da tarde. Até o final do estágio supervisionado, nosso grupo aplicou atividades relacionadas aos jogos de lutar, complementando com material teórico e enfatizando o direcionamento para uma das lutas, o judô, de modo a explorar os fundamentos históricos, filosóficos e práticos dessa luta.

Como os alunos dessa fase são adolescentes e, por conta dos problemas relatados no contexto de intervenção anterior, eu pensei na possibilidade de encontrar alguma resistência dos alunos ou algum comportamento de espanto ou descrédito em relação a mim por parte deles. No entanto, eu não percebi nos alunos nenhum comportamento referente ao supracitado, a não ser na primeira aula, que é bem difícil e raro encontrar alguém com deficiência visual atuando no curso de Educação Física.

O estágio supervisionado foi bem tranquilo em relação à participação dos alunos nas atividades que programamos para eles. Embora sempre tenha um ou outro que não goste de participar, mas, no geral, deu tudo certo e a maioria sempre estava disposta.

A interação que eu tive com eles foi bem tranquila, pois quando era eu quem ia aplicar as atividades, eles respondiam as minhas instruções sem problema, de forma que quando eu os chamava para a atividade eles logo se prontificavam. Percebi apenas aquela euforia que, às vezes, tira um pouco a atenção deles da atividade, mas que faz parte do comportamento de quase todos os adolescentes nessa fase da vida. Mesmo assim, quando isso acontecia e eu não estava percebendo por estar concentrado na explicação, minha equipe chamava-os de volta para direcionar a atenção ao que estava sendo exposto e tudo seguia como era esperado.

Como ponto positivo neste estágio supervisionado, ressalto que:

- 1) as atividades nas quais eu participei como instrutor foram bem sucedidas e não tive dificuldades para fazer com que os alunos as aplicassem, o que se caracteriza como de grande relevância para a constituição de meu processo formativo e profissional.

Já enquanto ponto negativo, destaco:

- 1) a escola estava em reforma, impedindo assim que explorássemos os locais onde comumente eram realizadas as atividades de Educação Física no período anterior à reforma. Contudo, fizemos as atividades nos espaços internos da escola, em um ambiente apropriado,

que mesmo que não tivesse as dimensões que gostaríamos, não prejudicou significativamente o nosso processo de intervenção e nem a proposta que levamos para aplicar com os alunos.

3.2.4 Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Assim como em todos os outros períodos, nas aulas iniciais nos foi explicada cada etapa de como seria a dinâmica do estágio supervisionado. Porém, o Professor Rafael, do curso de Licenciatura em Educação Física, que orientava este estágio supervisionado estava se desligando do curso por motivo de aposentadoria. Entretanto, antes deixou tudo organizado, como a divisão dos grupos, no qual o meu foi composto por 05 integrantes, Luciano, Vitor, Natália, William e eu. Destaco que nesse estágio supervisionado eu não precisei do acompanhamento de bolsistas, pois o grupo decidiu que me daria o apoio necessário para a condução das atividades.

Ainda assim, tivemos alguns atrasos e dificuldades para concluir o estágio supervisionado, pois estávamos reiniciando com um novo professor, o meu grupo não encontrava escola para realizar o estágio supervisionado e, quando conseguimos, o professor responsável pelas aulas de Educação Física em uma escola estadual em Maceió havia suspenso as aulas por motivo de doença.

Além do exposto, a realização desse estágio supervisionado teve outra limitação, pois devido à dificuldade em encontrar escolas que estivessem em funcionamento para a realização do estágio, nossa turma teve que dividir os ambientes da escola com outra equipe. No entanto, ao chegar no local de estágio supervisionado e nos terem sido apresentados os espaços disponíveis para as atividades, percebemos que esse fator não seria tão limitante, levando em conta a existência de um ginásio que contemplava suficientemente os dois grupos.

As aulas desse estágio supervisionado foram realizadas em dois turnos: o vespertino, que contava com atividades do ensino médio, e o turno noturno, com as aulas da Educação de Jovens e Adultos.

Em relação ao estágio supervisionado com as turmas do ensino médio, tivemos a possibilidade de observar as aulas do Professor João, responsável pelas aulas de Educação Física da escola, realizando análises pedagógicas das atividades desenvolvidas, para, posteriormente, realizar as intervenções com regência dos estagiários. Inicialmente, foi realizado um intervalo dirigido com as turmas, para que existisse uma interação entre alunos e estagiários. Em seguida, foram realizados planos de aulas elaborados pelos estagiários como forma de regência.

As ações de intervenção pedagógicas que foram desenvolvidas durante a fase de regência na escola foram produzidas a partir da integração dos conhecimentos teóricos discutidos entre os estagiários e a proposta foi trabalhar um esporte (atletismo). A primeira fase foi referente ao processo de ensino-aprendizagem para as formas de caminhar, correr, saltar, lançar e arremessar, de maneira ainda básica em relação aos padrões do esporte, trabalhando a cooperação, corridas de velocidade, revezamento, corridas de rua, arremesso de peso, salto em distância e corridas com barreiras.

Já no período noturno, pude perceber que a modalidade da Educação de Jovens e Adultos possui um aumento significativo no quantitativo e na diversidade de pessoas, com a maioria tendo uma idade mais elevada. Apesar do exposto, esse não foi um fator dificultante para a realização desse estágio supervisionado, destacando-se que a baixa frequência ou não participação nas atividades se deu por outros motivos, como: o cansaço depois da jornada de trabalho e a desmotivação para ir ao ambiente escolar no turno noturno.

Como pontos positivos, aponto:

1) meu grupo de estágio supervisionado estava tão engajado com essa atividade acadêmica que eu não precisei de bolsista do Núcleo de Acessibilidade para me acompanhar durante as ações do estágio supervisionado, pois os participantes se comprometeram em me auxiliar nos momentos que precisasse. Além disso, conseguimos nos organizar com o outro grupo e intercalar as nossas intervenções sem prejuízo para ambos, de maneira que o espaço oferecido na escola foi o suficiente para a aplicação das atividades propostas

No que se refere ao ponto negativo, pontuo:

1) tivemos dificuldades iniciais para conseguir a escola, visto que os locais que foram indicados não estavam disponíveis por falta de professor ou por problemas internos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o relato dos estágios supervisionados descritos anteriormente foi possível identificar algumas dificuldades e possibilidades que fizeram e fazem parte do percurso de uma pessoa com deficiência visual durante o processo formativo inicial em Educação Física.

Enquanto dificuldades, podem ser destacados que além dos problemas estruturais e da falta de acessibilidade dos ambientes, foi necessário convencer os alunos e as instituições de ensino que uma pessoa com deficiência visual tem capacidade de ministrar uma aula de Educação Física como qualquer outro sujeito. No entanto, sabemos que ainda existe ainda um preconceito que precisa ser quebrado, o qual relaciona a deficiência visual à incapacidade de realizar qualquer atividade.

Outro aspecto que também se caracterizou como um obstáculo para a atuação da pessoa com deficiência visual enquanto professor de Educação Física foi em relação aos sentidos remanescentes utilizados, audição e, sobretudo, o tato. Esse fator pode ser um obstáculo quando o aluno não nos entende quando falamos, demonstramos o movimento ou o que estejamos a ensinar, e como professor com a missão de ensinar um movimento de forma correta, às vezes se faz necessário interagir com ele por meio do toque em partes específicas, o que em algumas situações não é aceito pelos alunos. E no meu caso, é bastante importante esse retorno do movimento por meio do tato, em razão da necessidade de saber se o movimento ensinado está sendo executado de acordo com a informação que foi passada.

No caso de impossibilidade do uso do tato, faz-se necessário ter alguma pessoa que enxergue próxima a mim para auxiliar nessas situações. Durante o estágio supervisionado, eu sempre precisava de alguém por perto para me dizer se os alunos estavam fazendo exatamente o que era pedido. Eu tive essa ajuda por parte dos meus colegas do grupo, tanto quanto tive dos bolsistas que me acompanharam durante todos os estágios supervisionados e até de alguns dos alunos em alguns casos.

Esse processo de estágio supervisionado foi difícil e desgastante por causa de tudo que já relatei, mas também foi satisfatório, tendo em vista que a minha insegurança não desapareceu, mas consegui finalizar os estágios supervisionados juntamente com meus colegas do curso.

Em relação aos pontos positivos e possibilidades, evidencia-se o papel dos alunos da Educação Básica no acolhimento a mim e ao que era proposto durante a intervenção no estágio supervisionado, o que fez com que eu me sentisse parte do processo e ficasse mais tranquilo no decorrer das aulas. Além disso, a postura dos colegas de turma na disponibilidade em colaborar para minhas tentativas de tornar as aulas mais interativas e com uma participação adequada dos alunos, assim como descrevendo os conteúdos de maneira antecipada e auxiliando nos momentos de dificuldade foram pontos facilitadores.

Um aspecto fundamental foi a possibilidade de utilizar o recurso de acompanhamento por bolsistas do Núcleo de Acessibilidade, pois isso facilitou muito o processo de permanência e de aprendizagem não somente durante os estágios supervisionados, mas na formação inicial de maneira geral, considerando-se as contribuições para uma melhor adaptação da pessoa com deficiência visual ao ambiente acadêmico e de intervenção, auxiliando na locomoção e no reconhecimento dos espaços, por exemplo.

Algumas das coisas que compreendi nessa experiência foram que é possível ser um professor de Educação Física com deficiência visual, mas que para isso é preciso vencer os

obstáculos que, muitas vezes, são impostos pela sociedade por meio dos preconceitos, pela falta de conhecimento, pelos nossos próprios medos e inseguranças, além das muitas que já foram citadas por mim e por outros que já escreveram sobre o assunto.

É preciso desenvolver mecanismos para lidar com nossas próprias limitações e que ainda é necessário mudar muita coisa, que nós somos quem fazemos e trilhamos nosso próprio caminho, mas com o reconhecimento das nossas capacidades, a oportunidade para exercê-las e o respeito de todos, poderemos chegar bem mais longe do que conseguimos até hoje.

Por fim, mesmo com todas as dificuldades ao longo desse processo de estágio supervisionado, percebi que sou capaz de ministrar uma aula e passar as informações necessárias para o aprendizado de uma pessoa caso sejam garantidas condições adequadas para a minha atuação, pois consegui desenvolver uma boa metodologia para o ensino dos conteúdos da Educação Física.

REFERÊNCIAS

CALHEIROS, D. S.; FUMES, N. L. F. A inclusão de universitários com deficiência em cursos de Educação Física na cidade de Maceió/AL. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 21, n. 2, p. 523-539, 2016.

CARVALHO, M. R. V. **Perfil do professor da educação básica**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 12. ed. 6. impressão. São Paulo: Ática, 2002.

CUNHA, M. I. Diferentes Olhares Sobre as Práticas Pedagógicas no Ensino Superior: a docência e sua formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 53, n. 3, p. 525-536, 2004.

CUSTÓDIO, R. C. Narrativas de memórias e a pesquisa em história da educação. In: **Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPEd**, Rio Grande do Sul, 2012.

FORTUNATO, I. A didática na formação inicial de professores: relato de experiência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 1, p. 269-276, 2018.

FOSTER, J. K. **Memória**. Tradução Camila Werner. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GIABARDO, C. S.; RIBEIRO, S. M. As produções científicas sobre o professor com deficiência. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 58, p. 373-388, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2018**. Brasília: INEP, 2019.

MUNSTER, M. A. V. et al. Goalball: uma proposta inclusiva. In: ALMEIDA, J. J. G. et al.

(Org.). **Goalball**: invertendo o jogo da inclusão. Campinas: Autores Associados, 2008. p. 09-15.

MUNSTER, M. A. V.; ALMEIDA, J. J. G. Atividade física e deficiência visual. In: GREGUOL, M.; COSTA, R. F (Orgs.). **Atividade física adaptada**: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2013. p. 30-77.

OLIVEIRA, C. V. **Práticas pedagógicas e serviços de apoio na educação superior**: promovendo a permanência do aluno cego. 2017. 113f. Dissertação – (Mestrado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

REIS, C. A. R.; HEINE, M. L.; PORTELA, C. P. J. Docente com deficiência visual no ensino superior: uma revisão sistemática de literatura em base de dados científica. **Anais do V Congresso Baiano de Educação Inclusiva e III Simpósio Brasileiro de Educação Especial- Educação Inclusiva: Saberes, Práticas e Emancipação** , Lauro de Freitas, 2017.

RIBEIRO, D. M.; GOMES, A. M. Barreiras atitudinais sob a ótica de estudantes com deficiência no ensino superior. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 24, p. 13-31, 2017.

RINALDI, I. P. B.; SOUZA, E. P. M. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. **Revista brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 159-173, 2013.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista UNAR**, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

SOUZA, E.; BOAROLI, F.; TAQUES, M. J. Estágio Supervisionado em Educação Física: contribuições e percalços do componente curricular. **Anais do XIII Educere**, Curitiba, 2017.

TEIXEIRA, F. C. et al. O estágio curricular do curso de bacharelado em Educação Física na percepção de acadêmicos. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 1, p. 33-47, 2017.

TOSIM, A. et al. Sistemas técnicos e táticos no goalball. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 141-148, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Pró-Reitoria de Graduação. Centro de Educação. **Projeto pedagógico do curso de graduação em Educação Física – Licenciatura**. Maceió, 2006.